



8 DE DEZEMBRO DE 2009

O Livro Azul. Isabel Baraona (auto-edição)



Numa verdadeira *pesquisa* artística, as palavras “evolução”, “avanço”, “novidade”, não têm grande valor. Uma pesquisa é um processo que tem antes a ver com um caminho titubeante, tentativo, feito de passos curtos, variações, desvios, que vão aos poucos compondo uma imagem eventualmente, ou melhor dizendo, virtualmente alcançável, mas sobre a qual não há qualquer obrigação de *cumprimento*, isto

é, de *vitória*. Existem objectivos, sem dúvida, a ideia de um projecto que concerta estratégias, opções e políticas, uma espécie de fim, mas nada implica que se atinja esse fim. Aliás, a pesquisa artística é normalmente coroada com o alcançar-se um local ou estádio bem diverso daquele que, à partida, parecera ser o que se deveria atingir.

Isto para dizer que *O Livro Azul* de Isabel Baraona faz parte do contínuo do programa iniciado pelos livros anteriores, e que se presume vir a ser continuado pelo menos por mais um volume. Muitos dos seus “temas”, se assim se pode entender, retornam, tal qual como algumas das estratégias de figuração, de composição, de *cenografia* mesmo.

Numa das páginas conseguimos ler, de forma claríssima, “não há/nem mais/nem menos”, inscrito por sobre uma complicada massa de linhas e manchas que nos recoloca nas questões de organicidade discutidas nos títulos anteriores. Sob essa mancha

Lerbd

“Pense quem lê”

António Franco Alexandre

UM BLOG CONVIDADO DO **P**

Aniversário

YELLOW FAST &
CRUMBLE

Resenhas internacionais

COMO FLUTUAM AS
PEDRAS



compósita, uma figura humana parece estar preocupada com a curta frase seguinte: “não és”. Toda esta significação negativa vê-se, por seu lado, negada na página ao lado, onde dois

pares de pessoas - envolvidos em actos de uma comunhão íntima - estão colocados sob a égide de uma terceira frase: “dessin de vérité”. É ainda na frase, que encontramos na capa, invertida, e depois nas seguintes páginas, cobertas com novos desenhos, frases, linhas, que encontraremos uma pista adicional: “que linda paisagem vejo quando abro a boca”.

Há, portanto, logo ao início, a ideia de uma formação de um espaço, visível, que apenas emerge por um acto da palavra, da verbalização. O desenho surge como factor, se não da, pelo menos de *uma* verdade. A inversão das palavras recordará, mais uma vez, a escrita “secreta” de Leonardo, autor para quem os desenhos eram sementes de um projecto, e jamais desenhos acabados, de uma expressão totalmente livre... A qualidade de palimpsesto deste livrinhos de Isabel Baraona, a que cada novo folhear revela como que camadas sobrepostas de desenhos, reescritas, variações, correcções sequentes, aliada a esses princípios ontológicos, leva-nos a pensar em tudo isto como um projecto o qual, ainda que nos surja como uma forma acabada - os livros - aponta à sua potencialidade de infinito, de contínuo e turtuoso gesto inacabado.

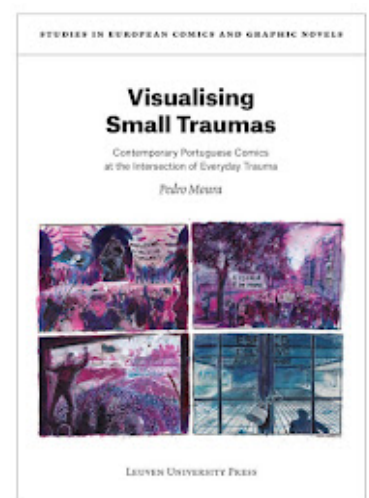


Este volume tem mais intervenções não figurativas, sob a forma de manchas e riscos, que quase recordariam sujidades gráficas de tinta fresca, erros de impressão, acidentes para além



Romance gráfico com João Sequeira (A Seita/montesinos)

VISUALISING SMALL TRAUMAS



Estudo académico da banda desenhada portuguesa contemporânea (Leuven University Press)

FAZER ISTO & ASSIGNAR.

do controlo do autor, aumentando o grau de ruído e, dessa mesma forma, aumentando a entropia, a abertura, a *exactidão* pela via do não rigoroso. Como se, ao folhear o livro, nos deparássemos, sem querer, em algo que não deveríamos ter encontrado.

Borges tem um dos seus mais famosos contos, e “objectos”, no “Livro de Areia”, um objecto que lhe chega às mãos de modo misterioso, cujas páginas jamais se repetem, livro que nos impede de encontrar a primeira e a última página, e cujo único fim só pode ser o abandono violento, não tome ele toda a



existência do seu leitor. Essa metáfora da impossibilidade do leitor completo e, logo, do autor e criador completo, é como que transposto de modo seguro mas ao mesmo tempo programaticamente falho, por Baraona. Estes objectos têm um formato, informações exactas e legais, uma capa e contracapa, e uma paginação final. Mas a promessa que têm da sua leitura não tem essa

coincidência de ordenação ou de organização. São livros abertos, *em aberto*. Poderemos lê-los como unidades, perfeitamente legíveis e interpretáveis de acordo com a “promessa narrativa” que cada um, pela circunstancialidade da sua ordem interna, encerra. Todavia, imaginamos também que um exercício violento de os desfazer folha a folha, e reordená-los livremente, levando a uma eventual, ou virtual, nova textura interpretável. Como os actos de magia combinatória, mas em que, menos preocupada em encontrar uma qualquer linguagem universal, um denominador comum a que se pudessem reduzir todos os átomos que constituem o mundo, a autora procurasse uma repetição do caos e liberdade deles, nos desenhos e frases que coleciona.

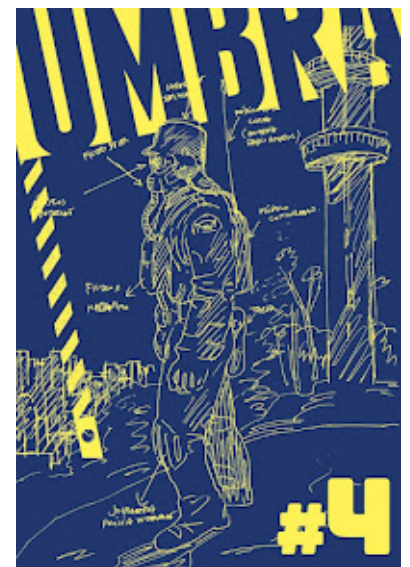
PUBLICADA POR PEDRO MOURA À(S) 7:45 DA TARDE

ETIQUETAS: **ILUSTRAÇÃO**, **PORTUGAL**



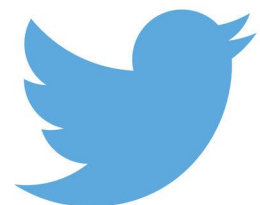
Estudo sobre Bordalo e a BD.

UMBRA



Argumentista e Redactor

MINI-REVIEWS NO
TWITTER



@PedroMo16181888

1 COMENTÁRIO:

velhadaldeia disse...



É um objecto muito bonito, que vem envolvido em papel de seda azul. A reprodução das imagens aqui no blog é uma pálida representação do original.

Recomendo!

12:51 DA TARDE

[Enviar um comentário](#)

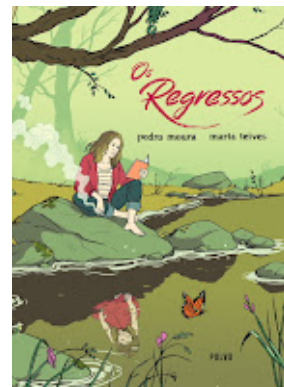
[Mensagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Mensagem antiga](#)

Subscrever: [Enviar feedback \(Atom\)](#)

OS REGRESSOS

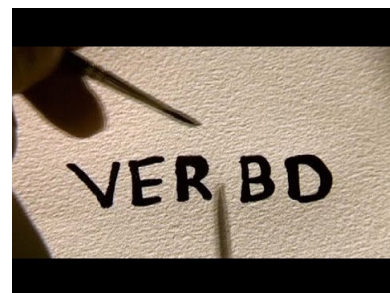


Co-criado com Marta Teives

QUIREWARD



VER BD



Documentário televisivo

VARIAÇÕES DO ANJO DA HISTÓRIA



Livro de P. Moura e I.
Manouach

SANGUETINTA



Animação de F. Abranches



EDITOR DE



Tinta nos Nervos

DIVIDE ET IMPERA



À venda, da Montesinos

ASSOCIADO DA
OFICINA DO CEGO



AUTOR

Um blog de Pedro Moura

ETIQUETAS

Academia (270)

Adaptação (62)

Alemanha (17) **Animação**

(16) **Antologias** (118)

Autobiografia (107)

Brasil (89) **Canadá** (19)

China (5) **Cinema** (9)

Colaborações (137)

Coreia do Sul (15) **Crítica**

literária (10) **Ensino** (17)

Espanha (44) **EUA**

(320) **Experimental**

(92) **Exposições** (39)

Finlândia (21)

França-Bélgica

(261) Gravura (7)
Ilustração (141)
Infantil (82) Itália (34)
Japão (99)
Mainstream (153) Não-
ficção (7) Outros países
(89) Polónia (7)
Portugal (398)
Reino Unido (53)
Super-heróis (15)
Territórios contíguos
(85) Zines (97)



(estes textos estão sob o
signo da creative
commons)

ARQUIVO DO BLOGUE

- 2025 (6)
- 2024 (32)
- 2023 (44)
- 2022 (25)
- 2021 (30)
- 2020 (40)
- 2019 (29)
- 2018 (52)
- 2017 (79)
- 2016 (147)
- 2015 (159)
- 2014 (138)
- 2013 (139)
- 2012 (147)

- ▶ 2011 (82)
- ▶ 2010 (103)
- ▼ 2009 (104)
 - ▼ dezembro (6)
 - Grandville. Bryan Talbot (Dark Horse)
 - A Casa da Mosca Fosca. Eva Mejuto e Sergio Mora (K...
 - Fitz... Filipe Abranches (Ao Norte)
 - O Livro Azul. Isabel Baraona (auto-edição)
 - Onde vivem os Monstros. Maurice Sendak (Kalandraka)
 - Where the wild things are. Filme de Spike Jonze.
 - ▶ novembro (7)
 - ▶ outubro (13)
 - ▶ setembro (15)
 - ▶ agosto (8)
 - ▶ julho (8)
 - ▶ junho (11)
 - ▶ maio (9)
 - ▶ abril (5)
 - ▶ março (7)
 - ▶ fevereiro (11)
 - ▶ janeiro (4)
- ▶ 2008 (117)

- ▶ [2007](#) (78)
 - ▶ [2006](#) (138)
 - ▶ [2005](#) (127)
 - ▶ [2004](#) (21)
-

